

O PORTUÑOL NO IR E VIR DOS SUJEITOS *FRONTERIZOS* DE ACEGUÁ-BR/ACEGUA/UY E A CONSTRUÇÃO DE SUAS IDENTIDADES

THAÍS REJES MARQUES¹;
LETÍCIA F. R. FREITAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – UFPel – thaisrejes.m@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPel – leticia.freitas@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresentará uma pesquisa em andamento para a dissertação de Mestrado, na área de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas, tendo como tema principal a importância do portuñol na construção dos sujeitos na Fronteira de Aceguá – BR/ Acegua – UY.

A cidade de Aceguá se firma para além de uma fronteira seca que divide dois países, pois a linha imaginária que é imposta pelo Estado não impede que brasileiros e uruguaios se constituam também como *fronterizos*, tornando a Fronteira um lugar híbrido, móvel, de relações tão plurais e singulares ao mesmo tempo. Além disso, é importante destacar que a Fronteira aqui estudada apresenta forte presença de descendentes de árabes e alemães, evidenciando o quanto esse espaço é múltiplo.

As relações nesse entrelugar, – como o escritor fronteiriço Aldyr Garcia Schlee chama – são da mescla desses habitantes da região do Prata que se aproximam culturalmente através da unidade simbólica do universo “gaúcho” LEENHARDT (2002), além das questões climáticas e a paisagem comum que é o pampa. Ademais, as línguas, português e espanhol, por serem muito próximas, também contribuíram para uma integração maior entre brasileiros e uruguaios, possibilitando uma nova quebra de barreira demarcada pelo Estado, uma terceira língua, “inicialmente chamado de *fronterizo* por Rona (1959; Hensey, 1975, 1982, 1993) e popularmente nomeada como “*dialecto, brasileiro, bayano o portuñol*” (Elizaicín, Behares e Barrios, 1986)” (BORTOLINI, GARCEZ e SCHLATTER, 2013). Segundo STURZA (2005) “Nessa fronteira, do Rio Grande do Sul com os países da bacia do rio da Prata, sobretudo na zona fronteiriça do Brasil com o Uruguai, há uma terceira “língua”, que não é nativa, não é a do imigrante, não é a do Estado. É a que funciona como mais uma nas práticas linguísticas de grande parte da população fronteiriça e que resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território linguístico da outra”.

Não se trata aqui do portuñol como interlíngua, como um processo de aprendizagem de uma língua estrangeira que acontece num espaço artificial, mas sim como uma língua que, mesmo não sendo oficial, se torna legítima no dia a dia de grande parte dos sujeitos que a compartilham. Segundo ALVAREZ (2009) “para o falante fronteiriço o portunhol é uma das línguas que ele fala” e, sendo essa uma de suas línguas, ela os constitui enquanto sujeitos, constitui as suas práticas, a sua vida social em geral, pois conforme DU GAY (1994) apud HALL (1997) “A linguagem constitui os fatos e não apenas os relata.”

Portanto, através deste trabalho, buscarei compreender como o portunhol circula em diferentes meios sociais na cidade de Aceguá – BR/Acegua – UY tendo como aporte teórico a linguística aplicada transgressiva que vê os sentidos sendo construídos nas práticas discursivas, que as nossas atividades linguísticas se

articulam por territórios moventes - assim como a Fronteira -, que a concepção de mundo entendida por teóricos como Foucault, Wittgenstein e Nietzsche é de um espaço instável, descentralizado, múltiplo (FABRÍCIO, 2008), e é nesse fluxo entre linguagem, comportamento, cultura, construção de sentido, sujeito, contexto social que se procura questionar aquilo que é essência, produzindo um conhecimento contemporâneo sem a necessidade de legitimá-lo.

Também utilizarei PRATT (1987) que, ao tratar a linguagem de subcomunidades como uma prática crítica, revela o quanto trabalhos nesse sentido da linguística de contato “desafiam a força normativa da gramática padrão, insistindo na heterogeneidade, na existência e legitimidade de estilos de vida outros que não aqueles dos grupos dominantes”. Além disso, com base em MOITA LOPES (2013), entendo a linguagem por meio das ideologias linguísticas¹, percebendo, por exemplo, como “o fenômeno de compartilhamento de uma língua tem sido utilizado para separar ou dividir grupos sociais, construindo diferenças de várias naturezas entre os grupos, tornando-as naturais, favorecendo a construção do estado-nação”.

Na Fronteira de Aceguá, ainda que existam as línguas dominantes e de prestígio que circulam (português e o espanhol), principalmente, no centro do município, há também o árabe que se propaga entre as famílias de origem muçulmana, e um dialeto alemão que é utilizado entre as famílias de descendentes de alemães. Dessa forma, a língua dominante depende de cada subcomunidade dessa Fronteira, de cada contexto em que cada sujeito está performando, pois, segundo WOOLARD (1998) apud MOITA LOPES (2013), “uma língua (assim como a noção de norma/padrão e outros construtos teóricos) é um “projeto discursivo” e não um fato estabelecido”.

Ademais, como aponta PRATT (1987) “para uma linguística do contato, é de grande interesse que pessoas possam geralmente entender muito mais variedades de discurso ou mesmo de línguas do que elas podem produzir ou entendê-las melhor do que elas podem produzi-las” isso de fato acontece na Fronteira aqui estudada, pois um comerciante árabe, com seu comércio no lado brasileiro, ainda que não domine o espanhol *standard* consegue entender quem o fala, assim como consegue compreender o portuñol e o português e a comuninação, mesmo com todas essas variedades, acontece.

Então, a partir dessas relações híbridas, observarei como os moradores de Aceguá se constituem nesse espaço múltiplo e móvel, com uma língua entreverada, nesse caso o portuñol, que quebra barreiras estatutais e se performatiza no ir e vir da Fronteira.

2. METODOLOGIA

O trabalho em questão é de cunho etnográfico e sociológico, com moradores da Fronteira de Aceguá-BR/ Aceguá-UY, desde jovens a pessoas mais velhas. Serão entrevistadas 4 pessoas, tendo como pontos principais o uso do portuñol em diferentes contextos e como ele é recebido nesses ambientes em que

¹ “Desse modo, entendemos como ideologia linguística as compreensões, “tanto explícitas quanto implícitas que traduzem a interseção da linguagem e os seres humanos em um mundo social” (Woolard, 1998:3) ou compreensões de como a linguagem ou línguas específicas têm sido ou são entendidas com base em como são situadas em certas práticas sócio-históricas, inclusive aquelas visões elaboradas por pesquisadores e teóricos da linguagem, derivados do espírito intelectual ou da perspectiva epistemológica do seu tempo” (Moita Lopes, 2013, p. 22)

circula. Também se procura mapear se eles, os fronteiriços, percebem um prestígio maior de uma língua sobre a outra e se já se sentiram oprimidos em usar o portuñol em um lugar mais formal, como na escola, por exemplo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a pesquisa esteja em andamento, alguns resultados preliminares podem ser apontados, como, por exemplo, o entendimento do portuñol como uma prática linguística legítima da Fronteira, que circula tanto entre os jovens como entre as pessoas mais velhas, que é usado em conversas informais ou para compras no comércio local, e que, por conseguinte, constitui as identidades desses fronteiriços. Contudo, por não ser uma língua oficial, por não circular em textos literários – apesar de já haver produções literárias e na música em portuñol – ele acaba sendo estigmatizado, principalmente quando é falado na escola.

Dessa forma, há a necessidade de ver o portuñol para além da maneira como a linguística moderna vê as línguas, passando a ter uma visão em que se “desnaturaliza a ideia de que há línguas distintas, e que uma língua propriamente dita tem limites claros e é pura [...]” (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011 apud MOITA LOPES, 2013).

4. CONCLUSÕES

Entender o portuñol como uma prática legítima da Fronteira, que é utilizado por grande parte de quem ali vive, é perceber o quanto as línguas, nesse entrelugar, se mesclam, criando novos sentidos, novos discursos, pois “Quando visto como um lugar de reprodução social e luta, a língua não pode ser imaginada como unificada” (PRATT, 1987), logo, seus sujeitos também não são homogêneos, pois essas línguas os constituem para além de brasileiros e uruguaios.

Com este trabalho, pretende-se evidenciar o quanto o portuñol está vivo no dia a dia da Fronteira desarraigando-se da ideia “de uma língua como uma unidade delimitada associada a comunidades [igualmente] delimitadas” (MOITA LOPES, 2013), além de percebê-lo na construção das identidades transitórias desses sujeitos fronteiriços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo de livro

BORTOLINI, L.S., GARCEZ, P.M., SCHLATTER, M. Práticas linguísticas e identidades em trânsito: espanhol e português em um cotidiano comunitário escolar uruguaio na fronteira com o Brasil. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **O Português no século XXI**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Cap. 9, p. 249-273.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Cap.1, p. 45-65.

LEENHARDT, J. Fronteira, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, M.E. **Fronteiras Culturais**. Granja Viana-Cotia: Ateliê Editorial, 2002. Cap.1, p. 27-33.

MOITA LOPES, L.P. Introdução. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **O Português no século XXI**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 18-52.

Artigo

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 02, jul/dez 1997, p. 15-46.

PRATT, M.L. Linguistic Utopias. Nigel Fabb et al (ed.), **The linguistics of writing: arguments between language and literature**. New York: Nethuen Inc., p. 48-66, 1987.

STURZA, E.R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.57, n.2, jun/2005.

Tese/Dissertação/Monografia

ALVAREZ, I.M.J. **Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria.